

## A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E O DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

Paulo Roberto Veloso Ventura

Universidade Estadual de Goiás-UEG

Alcio Crisóstomo Magalhães

Universidade Estadual de Goiás-UEG

Renata Carvalho dos Santos

Universidade Estadual de Goiás-UEG

### INTRODUÇÃO

Ao se falar em princípios e fundamentos para a formação em Educação Física (EF), certamente a interdisciplinaridade torna-se um destaque, por potencializar uma mediação entre as partes e dessas com o todo, pois nos municia com estratégias que visem a desfragmentação dos objetos a ser desvelados. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNEF, Res. CNE/CES 06/2018) da graduação em Educação Física reitera esse entendimento e a EF, historicamente mantém um diálogo com diversas áreas correlatas à sua constituição epistemológica.

As práticas corporais humanas, que se expressam nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta e da dança convertem esses temas da Cultura Corporal em necessidades sociais múltiplas (saúde, educação, formação, alto rendimento esportivo, lazer, dentre outras) e se materializam como cultura. Daí, a necessidade dos egressos tanto da licenciatura, como do bacharelado serem capazes de articularem conhecimentos, habilidades, sensibilidades e atitudes para o exercício profissional em qualquer dos domínios do trabalho pelo movimento corporal humano.

Como docentes de uma universidade que é pioneira na formação integrada dos graus de formação (bacharelado e licenciatura), chamada pelas DCNEF de “dupla formação”, temos o claro entendimento de que não existe conteúdos que sejam exclusivos ou específicos de um bacharel ou licenciado, mas sim que sejam saberes de um campo do conhecimento chamado Educação Física. Neste sentido, temos claro que dividir a formação tem um significado negativo muito forte, porque serão omitidos conhecimentos tanto aos/às acadêmicos/as da licenciatura,

quanto do bacharelado. A EF é uma só, dividi-la é pura abstração, um idealismo que fragiliza o campo epistemológico, até porque até o momento, os bacharelistas não conseguiram constituir um objeto que justificasse epistemologicamente uma formação dita diferente.

#### DISCUSSÃO TEÓRICA E EXPOSIÇÃO METODOLÓGICA

Com base nos estudos de Hilton Japiassu<sup>6</sup> e Georges Gusdorf<sup>7</sup>, em especial, encaminhamos uma proposta para a semana de planejamento 2024/2 e defendemos a necessidade de implantar um processo interdisciplinar com a robustez que o PPC define. Isso tendo como referências o que exige as atuais DCNEF (Resolução CNE/CES 06/2018), o PPI da UEG e o PPC dos Cursos de Graduação em Educação Física da UEG (Dupla Formação – bacharelado e licenciatura integrados).

As DCNEF mencionam o trabalho interdisciplinar na Resolução supra citada, citamos o Artigo 9º (inciso VII), Artigo 13º (inciso “a”), Artigo 14, Artigo 21 e o Artigo 9º: “mobilização efetiva de princípios que norteiam a formação inicial e continuada nacionais comuns, tais como”: Inciso VI - “sólida formação teórica e interdisciplinar”.

Já o PPI/UEG (2011, p. 28), no que concerne à interdisciplinaridade, define como um de seus princípios norteadores que, “os cursos de graduação assumam a formação de acadêmicos a partir dos conhecimentos que lhes sejam inerentes, tratando-a como como atitude real de cooperação, por meio do diálogo entre diferentes áreas do conhecimento”.

Ao focarmos os parâmetros teórico metodológicos definidos no PPC dos Cursos de Graduação em Educação Física da UEG, vemos com clareza que eles apontam os diferentes princípios e as necessárias relações entre estes, a partir da unidade entre seus diferentes conceitos, natureza, fundamentos, o que exige um movimento próprio e interdisciplinar para garantir um processo omnilateral, capaz de estabelecer ações que deem conta dos objetivos para uma formação humana, crítica e de qualidade, sustentada por um corpo teórico consistente.

<sup>6</sup> Hilton F. Japiassu – Maranhense, foi professor na UFRJ e na PUC-RJ. Interdisciplinaridade e Patologia do Saber é a obra deste filósofo brasileiro em que ele sistematiza seus pressupostos sobre o campo epistemológico e interdisciplinar. Fez doutorado na França com orientação de Georges Gusdorf em que defendeu a tese A Epistemologia das Relações Interdisciplinares nas Ciências Humanas.

<sup>7</sup> Georges Gusdorf – Epistemólogo e filósofo francês de origem judia foi aluno de Gaston Bachelard e teve influências de Soren Kierkegaard. Prof. Na Universidade de Estrasburgo, esteve exilado durante a II guerra mundial; ao retornar à Universidade substituiu a Merleau-Ponty, tendo sido professor de Louis Althusser. Orientou o filósofo brasileiro Hilton Ferreira Japiassu em sua tese de doutorado.

Para tanto, a interdisciplinaridade torna-se peça fundamental.

Nesta direção, o PPC dos Cursos de Graduação em Educação Física da UEG aborda uma proposta interdisciplinar na relação com a universalidade do conhecimento mais amplo e mais bem elaborado, o que está exposto entre as páginas 33 e 36. Do que está determinado, destacamos que “A aquisição e transferência do conhecimento estão além das tradicionais fronteiras disciplinares em que os cursos são organizados. Assim, o Trabalho de professores e profissionais exige boa dose de alinhamento entre universalidade do conhecimento e interdisciplinaridade” (PPC/EF, p. 35).

No entanto, se levarmos em conta que os Cursos de EF da UEG estão avançados (há turmas no 8º Período em 2024/2) o trabalho interdisciplinar é insatisfatório. Como proponentes deste texto e de uma proposta apresentada ao coletivo docente, tendo acumulado experiências de um semestre, que envolveu 6 disciplinas de um mesmo período do curso, não nos colocamos fora desta crítica, pois nossa iniciativa também foi tardia.

Se o conhecimento ensinado na Universidade está fragmentado pelo processo disciplinar, a ideia de interdisciplinaridade para centrar o trabalho docente passa historicamente pela tentativa de uma “desfragmentação do conhecimento”, ou seja, busca-se criar os nexos e mediações para que as/os estudantes de graduação possam compreender a relação dos conhecimentos estabelecidos por cada disciplina e porque/como a presença de cada um desses conhecimentos impacta no entendimento do objeto de estudo da área EF.

Portanto, ao processo interdisciplinar cabe dar materialidade aos conteúdos de cada disciplina, para se entender que todas elas fazem parte da matriz curricular porque têm seu papel social na formação profissional. Esta percepção vai se ajustar a partir dos nexos e mediações promovidos pelo diálogo entre os conhecimentos e o melhor caminho para isso é o trabalho interdisciplinar.

Então, nosso PPC contribui na busca de uma relação entre os conhecimentos, o que pode gerar uma relação entre disciplinas, ou não. Importante entender isso, a mediação deve se dar entre os saberes, ou seja, um trabalho interdisciplinar não necessita da presença de mais que uma disciplina para ser realizado, pois as disciplinas constituem “apenas” a forma para o processo de fragmentação do objeto. O que vale mesmo são os conteúdos que estão formatados. Com base nos autores supracitados, a relação interdisciplinar se apresenta como “indispensável para a formulação de ações integradoras” e pode ser pensada em 3 planos, a partir da matriz

curricular: no transversal, no vertical e no horizontal.

A transversalidade (1º plano) se dá por um tema gerador, que pode ser definido para 1 ano de trabalho ou para 1 semestre e, este tema, deverá inspirar os outros 2 planos, sendo tratado no planejamento pedagógico do corpo docente por uma palestra com convidado externo ou interno. Daria o eixo para o trabalho interdisciplinar na sua amplitude.

Este tema gerador, como aponta sua denominação, transversalizará toda a matriz curricular, ou seja, todas as disciplinas irão inserir no trato com o conhecimento específico, um diálogo teórico e/ou prático com a temática.

A verticalidade (2º plano) tem o papel de articular disciplinas de períodos diferentes, mas com maior aproximação epistemológica (sua natureza, sua fundamentação, etc.), que a princípio estamos chamando de “área”, como a biológica, a prática de ensino, a produção do conhecimento, a socio/filosófica/epistemológica e/ou outras a ser pensadas e definidas pelo coletivo docente. Neste 2º plano, cada uma dessas áreas poderá promover ações que explicitem suas proximidades, como uma mesa temática, live, oficina, roda de conversa, uma produção ou outra forma de trabalho. Durante o semestre ou ano letivo poderão ocorrer diversas atividades.

A horizontalidade (3º plano) envolveria as disciplinas de cada período do curso, com tema e atividades definidas pelos seus docentes; mas o trabalho pode ocorrer em uma disciplina, caso em que se deve estabelecer o diálogo entre conhecimentos pré-selecionados, que dialogue com o tema transversal, podendo também estabelecer relações com o movimento vertical, o que deve estar exposto no seu plano de trabalho. Neste patamar o tema pode focar necessidades que estejam explícitas ou implícitas no decorrer de cada semestre e fazer uso de atividades de pesquisa, produção de paper, realização de seminário, enfim, formas que possam ter desdobramentos de um processo mais coletivo, inclusive valendo como avaliação da aprendizagem em uma ou em ambas as notas (N-1 e N-2).

Neste plano, poderão surgir necessidades específicas de uma ou mais disciplinas, o que pode levar a acordo que o tema gerador foque esta situação e, em semestres seguintes outras disciplinas poderiam contar com o coletivo de seu período, para superar o trato com temáticas fundamentais previstas pelo plano de trabalho.

Por fim, sugerimos que este trabalho docente com a interdisciplinaridade defina os temas a partir dos coletivos que integrarão cada um dos planos, devendo ser avaliadas e alteradas sempre que necessário, ou seja, deve ser permeado pela flexibilidade, a partir das

necessidades que surjam no decorrer de cada semestre.

Nesta Universidade, temos 4 cursos de EF, todos orientados pelo mesmo PPC, que traz entre os parâmetros curriculares que determinam a direção que tomamos para a formação de nossos futuros egressos. A formação humana, omnilateral, crítica, com consistência teórica tem na proposta interdisciplinar um de seus trunfos, ainda que são escassas as propostas que já foram implantadas, até porque têm se constituído como um trabalho sem consistência coletiva. Ao uma formação mais ampla, devemos levar em conta as palavras de Gramsci (1982), de que precisamos assegurar o trabalho como princípio educativo, superar a dicotomia teoria/prática e reafirmar o conhecimento como totalidade histórica que, didaticamente, vai se estruturando em áreas específicas, mas que se propõe como unidade orgânica, em nosso PPC. Como assevera Ciavatta (2005, p. 3), “Formação que, neste sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos”.

Partindo dessa demanda, o PPC de Graduação em EF da UEG lança-se em um duplo desafio: o primeiro é estabelecer a estrutura de um curso que integre os graus de formação, que as DCNEF denominam de dupla formação. O segundo é instituir a interdisciplinaridade como processo metodológico indispensável para uma formação integrada, omnilateral, isto é, como princípio curricular de articulação da complexidade temática da Cultura Corporal, que se expressa como objeto de estudo e aplicação nos vários campos de atuação do professor/profissional de Educação Física.

Responder a essa demanda foi o objetivo do projeto de articulação de conhecimentos dos componentes curriculares do 6º período do curso em tela: Saúde Coletiva, Metodologia Científica, Medidas e Avaliação e Estágio Supervisionado II dos turnos matutino e noturno do Curso da ESEFFEGO em Goiânia. Mas, devemos registrar, há também outros docentes que estão debruçados em concretizar esta determinação curricular proposta com muita ênfase no PPC do Curso<sup>8</sup>.

A ação aqui relatada, ocorreu em 2024/1 no curso de Goiânia com o propósito de integrar no diálogo interdisciplinar os objetos do campo da Saúde, da Pesquisa, da Educação, da Prática de Ensino, a partir da abordagem de temas inerentes à Educação Física.

---

<sup>8</sup> Do que se tem registrado e relatado, podemos citar o trabalho aplicado em Goiânia, que contou com a participação dos/as docentes Renata Carvalho, Alcio Crisóstomo, Paulo Ventura, Gleyson Rios e Vitor Marques e, em Quirinópolis a iniciativa partiu do Prof. Mauro Mulati.

# III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

“O QUE NOS APROXIMA E O QUE NOS DISTANCIA?”

A(S) DIFERENÇA(S) NA EDUCAÇÃO FÍSICA”



A partir de um eixo temático central nascido da discussão entre saúde e formação em E. F., o corpo docente envolvido estruturou o processo com 3 atividades: uma aula coletiva, um seminário interdisciplinar e a elaboração de um artigo científico.

A aula coletiva teve a exposição dos professores e uma participação muito contundente dos alunos. A apresentação do seminário contou com a presença dos docentes das disciplinas, os quais debateram as questões apresentadas pelos discentes, levando em conta os aspectos relacionados com a Saúde, Educação, Educação Física, Ciência e Formação Profissional, balizados pela formação humana.

Esses momentos integraram a avaliação da nota 1. Para a nota 2, eles foram orientados para a elaboração de um artigo científico, se valendo do conhecimento apropriado nas atividades anteriores.

## CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

Como docentes integrados na atual proposta de formação, ao apresentarmos esta proposta ao Colegiado dos 4 cursos a reação dos colegas docentes foi de que deveríamos iniciar as atividades interdisciplinares já neste semestre. No dia seguinte haveria reuniões dos colegiados setoriais, de cada curso e os cursos proporiam as temáticas. No entanto, passados mais de 2 meses, nas reuniões do Colegiado Central nunca se tratou sobre o tema, qual foi a devolutiva de cada curso, enfim, caiu no esquecimento. Isso é preocupante, levando em conta que temos turmas que fecham neste semestre o 4º ano do curso e esses discentes não passaram por experiências no campo interdisciplinar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, MEC, CNE. **Resolução CNE/CES nº 6, de 18 de dezembro de 2018.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 48-49. Brasília, 2018.

CIAVATTA, M. A formação integrada, a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. **Revista Trabalho Necessário**, v. 3, n. 3, 2005. Niterói: UFF, 2005.

FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Orgs.). **Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito.** Petrópolis: Vozes, 2008.

GOIS JR., E.; LUVISOLO, H. R. O processo histórico da abordagem da saúde na formação em



# III CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**“O QUE NOS APROXIMA E O QUE NOS DISTANCIA?”**

**A(S) DIFERENÇA(S) NA EDUCAÇÃO FÍSICA”**



educação física. In: ESPÍRITO-SANTO, G. et al. **Formação em saúde educação física**. Embú das Artes: Alexa Cultural, 2004.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GUSDORF, G. **Conhecimento interdisciplinar**. Lisboa: Mathesis, 1992.

JAPIASSU, H. F. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Educação Física**. Anápolis, 2021.

